

## ARTIGO

# Formação e criação artística no Projeto Opus Tutti: arte para todos os lugares da infância através do Peça a Peça Itinerante

Helena Rodrigues<sup>I, III</sup>, Paulo Maria Rodrigues<sup>II, III</sup>, Paulo Ferreira Rodrigues<sup>I, IV</sup>

### Nota introdutória

Neste artigo apresentam-se algumas reflexões relativas à educação de infância e ao que poderá ser definido como uma “arte para a infância”, tomando como ponto de partida a iniciativa Peça a Peça Itinerante (PaPI), concebida no âmbito do Projeto Opus Tutti<sup>1</sup>. Procura-se, assim, evidenciar como é que a sua implementação em creches e jardins de infância pode constituir uma boa prática. Visando ampliar o impacto desta boa prática, no âmbito do Projeto Opus Tutti foi concebida também uma ação de formação dirigida a profissionais de educação de infância intitulada Ludicidade e Arte para a Infância. Neste artigo mostramos a ligação entre estas duas iniciativas, procurando contribuir para a construção de um paradigma de formação mediado pela utilização de recursos artísticos e caracterizado por uma forte dimensão imersiva, cujo principal objetivo é o desenvolvimento pessoal desde a primeira infância.

### O que é o Projeto Opus Tutti?

O Projeto Opus Tutti visou conceber um conjunto de boas práticas de caráter artístico, tendo experimentado modelos de intervenção na comunidade. Estabeleceu como finalidade contribuir para uma melhor qualidade de vida e para o desenvolvimento integral das capacidades dos indivíduos desde a primeira infância.

Nesta descrição da finalidade do Projeto Opus Tutti, o uso das expressões “modelos de intervenção na comunidade”, “qualidade de vida”, “desenvolvimento integral” e “desde a primeira infância” foi muito ponderado, refletindo ideias essenciais que têm vindo a condicionar toda a nossa atuação.

Em primeiro lugar, procura-se veicular a ideia de que as dinâmicas humanas estão profundamente concatenadas, pelo que melhorar os cuidados da infância implica intervir a vários



outros níveis e, muitas vezes, por via de ações indiretas. Isto é, não obstante poder haver ações especificamente dirigidas à infância, é necessário possuir uma perspetiva abrangente, contemplando as causas dos problemas que se colocam neste âmbito e não apenas os seus sintomas. É assim, por exemplo, que defendemos que uma discussão sobre reorganização de planos de emprego, apoio social às famílias e diversificação de modalidades de apoio à maternidade pode fazer muito mais pelos cuidados na infância do que uma discussão acerca da construção de um maior número de creches. Em segundo lugar, a ideia de que a primeira infância é um tempo vital na aquisição de bases de aprendizagem e de formação da personalidade, sendo que o desenvolvimento psicológico na infância tem caráter holístico, faz parte de uma espécie de construção social.

Foi neste contexto que o Projeto Opus Tutti desenvolveu várias ações dirigidas a diversos públicos-alvo. Uma das ações concebidas foi o Peça a Peça Itinerante. Esta iniciativa é um dos resultados que fica de Opus Tutti, uma vez que pode agora continuar em circulação, desde que existam entidades interessadas por este trabalho.

### O que é o Peça a Peça Itinerante (PaPI)?<sup>2</sup>

Peça a Peça Itinerante (PaPI) é um conjunto aberto de experiências músico-teatrais associadas a pequenos universos plásticos caracterizados pela portabilidade e concebidos com grande cuidado estético. São uma série de propostas versáteis, distintas consoante a especificidade das pessoas que as apresentam, mas emergindo de uma metodologia e de um património de ideias comum. Mais do que peças herméticas, são momentos de interação artística moldáveis às necessidades de “afinação” do “momento presente”.

Um primeiro esboço destas peças foi apresentado para pais e bebés no âmbito do II Encontro Internacional Arte para a Infância e Desenvolvimento Humano, realizado na Fundação Calouste Gulbenkian em 22 de setembro de 2012, tendo os participantes deste encontro assistido à apresentação destas peças ao vivo através de circuito vídeo<sup>3</sup>.

As peças resultaram do trabalho coletivo de artistas de várias áreas e de profissionais de educação de infância que, desde o início do Projeto Opus Tutti e sob a direção artística da

1. Este projeto foi uma parceria da Companhia de Música Teatral e do Laboratório de Música e Comunicação na Infância, tendo decorrido entre 2011 e 2014. Foi financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian.

2. Consultar, por favor, [www.musicateatral.com/papi](http://www.musicateatral.com/papi).

3. No link <http://www.youtube.com/watch?v=hxbfmkPSVc8> está disponível uma reportagem sobre este evento.

## ARTIGO

Companhia de Música Teatral, passaram por várias experiências exploratórias e performativas. Depois de vários períodos de “incubação” e de várias experiências formativas, nomeadamente moldadas pelo contacto direto com bebés e crianças, este conjunto de peças autónomas foi sendo levado ao Centro Infantil Roseiral ao longo de dois anos letivos.

As apresentações no Centro Infantil Roseiral permitiram continuar a aperfeiçoar o formato das peças e a aprofundar as experiências que estavam a ser construídas, em sintonia com o contexto e requisitos dos locais para onde estas viriam a ser transportadas. Permitiram, também, um aprofundamento do conhecimento sobre uma área de trabalho que tem ainda muito a revelar sobre o desenvolvimento psicológico na infância e o poder da música e da experiência artística na construção de vínculos sociais. Pretendia-se, para além disso, que ao longo do tempo fossem dados passos no sentido de trazer o paradigma da investigação científica para a

observação e análise do comportamento dos bebés no contexto social da creche, compreendendo as raízes da emoção estética desde os inícios da vida humana.

Após o período de incubação, as peças começaram a circular em creches, jardins de infância e teatros, cumprindo assim a função para que foram concebidas, tal como se descreve na documentação do projeto:

“Peça a Peça é um conjunto de pequenas peças músico-teatrais criadas no âmbito do Projeto Opus Tutti. Resultam de um cuidado processo de estudo e reflexão visando a conceção de boas práticas de carácter artístico dirigidas à primeira infância. Peça a Peça pretende contribuir para um acesso generalizado a experiências artísticas de qualidade e, sendo assim, as diferentes peças foram concebidas como projetos de grande portabilidade, capazes de chegar a teatros, instituições, creches e jardins de infância. As peças poderão ser apresentadas como um ciclo ou de forma independente. São peças

apresentadas por artistas versáteis, especificamente formados para desenvolver a sua ação artística – baseada em música, dança e teatro – a partir de um contacto humano de grande genuinidade, alicerçado na ideia de que a arte e a ludicidade partilham territórios comuns. Visando promover a interação entre pais e filhos através de uma primeira sensibilização às artes, estas peças estão também associadas a diferentes ambientes sonoros e universos plásticos. No final de cada espetáculo, pais e filhos são convidados a brincar com estes elementos explorando as suas sonoridades, cores e formas.”

### O “chão” do Peça à Peça Itinerante (PaPI) – génese de uma proposta de arte para a infância

No primeiro ano do Projeto Opus Tutti, designado Germinar, levantaram-se ideias e contactos humanos, criaram-se materiais, formaram-se recursos humanos. Realizaram-se *workshops* exploratórios para be-



bês em contacto com crianças mais velhas e *workshops* de “ludofónica experimental” para músicos, artistas e educadores. Fez-se, também, a apresentação de *AliBaBach* e *BebéPlimPlim*, peças músico-teatrais para bebés acompanhados pelos respetivos pais, em condições que permitiram recolher observações necessárias para a realização de reflexões mais profundas relativamente ao tema da experiência artística na primeira infância. Houve ainda lugar para residências artísticas, envolvendo vários públicos-alvo. *Um Plácido Domingo*, diálogo performativo ocorrido em setembro de 2011 no Jardim Gulbenkian, foi corolário de todo um processo de pesquisa, tendo semeado uma série de ideias a trabalhar na comunidade e no dia a dia de qualquer creche, a partir da música, do movimento, da escuta e do olhar.

No segundo ano, o ano Enraizar, o trabalho centrou-se numa intervenção no Centro Infantil Roseiral. O espetáculo participativo *Babelim*<sup>4</sup>, realizado na Fundação Calouste Gulbenkian em maio de 2012, culminou uma série de *workshops* intergeracionais envolvendo profissionais, pais, bebés, crianças mais velhas e irmãos daqueles bebés. E, porque os recursos educativos mais importantes são as pessoas, ao longo do ano realizou-se um conjunto de encontros com o objetivo de criar um “banco de recursos criativos e relacionais”. Esses encontros constituíram também uma oportunidade de “formação imersiva” e de partilha de conhecimentos entre os vários artistas/educadores participantes. Algumas dessas pessoas foram depois convidadas a participar nas residências artísticas *Opus Tutti – Peça a Peça*, com a finalidade de se levantar um conjunto de ideias a usar em micropeças músico-teatrais destinadas à infância.

O terceiro ano de *Opus Tutti*, o ano Crescer, fortaleceu as ligações entre artistas e a comunidade educativa, nomeadamente através

4. Esta produção viria a ser posteriormente apresentada no Teatro Municipal de São Luiz e em duas cidades na Dinamarca, tendo também sido nomeada para um prémio internacional (YAMA Award).

da presença regular de sessões de música e da apresentação no Centro Infantil Roseiral das peças em incubação no *Peça a Peça*. Expandiu-se também o universo de educadores e artistas com quem se realizaram ações de formação baseadas no material desenvolvido no *Peça a Peça* e com a perspectiva de aprofundar a abordagem lúdica a esse universo. Esse percurso, designado *Arte da Lúdica*, esteve na origem de uma experiência artística participativa, realizada na Fundação Calouste Gulbenkian em julho de 2013, na qual participaram artistas, crianças mais velhas e educadoras de infância, tendo o público-alvo sido constituído por famílias com bebés.

Várias das peças de *Peça a Peça* começaram, entretanto, a ser apresentadas em teatros (por exemplo, no Teatro de Vila Real, no Teatro Pax Julia, no Teatro de S. João da Madeira, no Teatro Municipal de Bragança, no Jardim do Marquês, da Câmara Municipal de Oeiras, no Centro Cultural de Belém, etc.) e em vários jardins de infância.

No quarto ano de *Opus Tutti*, o ano Frutificar, a Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão e o Teatro Municipal de São Luiz foram parceiros na iniciativa *Pontes de PaPI*, fazendo que estas peças fossem não só apresentadas nos seus espaços próprios como também em creches e jardins de infância da vizinhança dos teatros. Seria desejável que esta iniciativa, pouco frequente na programação cultural normal, pudesse ser replicada em parceria com outras instituições, estreitando-se assim ligações entre diferentes agentes em relação com a infância.

### O horizonte do *Peça a Peça*

A iniciativa *Peça a Peça* do Projeto *Opus Tutti* integra-se na ideia de contribuir significativamente para a qualidade dos cuidados prestados aos mais pequeninos. Por um lado, através da ação dos artistas/educadores envolvidos e das experiências artísticas que proporcionam no contacto direto com as crianças; por outro, através da repercussão que a atuação destes

poderá ter sobre os profissionais da infância, os pais ou outros cuidadores. Ou seja, *Peça a Peça* ajuda a criar momentos de partilha coletiva, quebrando a rotina dos dias na creche e jardim de infância, e desafia os cuidadores a alargarem os seus meios expressivos, facilitando o acesso a outros patamares de relacionamento e comunicação.

### Porquê?

“A gente bate a qualquer porta ou janela e vê por onde consegue entrar”

(Pedro Caldeira, Unidade de Primeira Infância do Hospital D. Estefânia)

Se olharmos à nossa volta e observarmos como é que normalmente nos relacionamos com os bebés, podemos ver que, espontaneamente, incorporamos elementos de natureza musical na comunicação que com eles estabelecemos. Mudamos o tom de voz, repetimos palavras, salientamos o contorno melódico das frases, inventamos sons, imitamos os seus balbucios. Damos colo de forma ritmada, consolamo-los com palmadinhas enquadradas numa espécie de estrutura temporal, beijamo-los explorando timbres e entoações diversas numa espécie de composição em que os sons, a voz e o corpo comunicam e recebem afetos com diferentes matizes emocionais. E cantamos, o que, para além de constituir uma forma de apaziguamento mútuo, é também uma forma de dilatar as palavras e ensinar contornos melódicos necessários para a perceção da linguagem. É esta, provavelmente, a origem da música: o som liga-nos, a voz ata-nos. A necessidade de afeto é a fonte de toda a comunicação – das suas águas brota a música e a linguagem e, por isso, ambas conservam resquícios uma da outra.

Talvez isto explique porque é que o movimento e a música têm um efeito muito visível sobre o ser humano desde o nascimento: é algo que está inscrito na matriz biológica e nos acompanha pela vida fora. Os bebés

"cantam" antes de falar e "dançam" antes de andar. Somos seres musicais. Albergamos nos corpos ritmos e vozes de outros que não nos pertencem. Pulsamos memórias coletivas que estão muito para além das crenças, dos conhecimentos, das palavras e da realidade vulgar. Buscamos a sincronização e a companhia de outros – mais fácil quando desistimos das palavras e nos abrimos a outros fluidos do comunicar. Observamo-lo quando vemos a avidez com que um bebé procura integrar-se nas atividades musicais de um grupo! Ele quer participar, tem "instinto de palco", quer ser aceite pelo grupo, observa, absorve, imita o seu "herói", e depois pede "maissss"...

O contacto precoce com a arte permite o acesso – através das várias "portas e janelas" dos sentidos – a vivências sensoriais e multimodais, alicerçando a construção das inteligências, do pensamento e da vida emocional. Por outro lado, dinâmicas humanas aliciadas por atividades artísticas permitem a fruição de apreciações e participações conjuntas, fundamentais na construção de vínculos emocionais com o próprio e com o(s) grupo(s) sociais de referência. Ou seja, a construção dos afetos e dos alicerces cognitivos radica no corpo e na sensorialidade, acontecendo no quadro de relacionamentos privilegiados no contacto com os outros. Neste con(tato), a voz, o movimento, o olhar, a escuta, o tato-corpo-pele e todos os outros sentidos que governam o relacionamento humano são instrumentos de trabalho de qualquer educador e cuidador de infância. Por isso, a criação artística para a infância, enquanto prática de sensorialidades levadas ao extremo, pode contribuir para lembrar a importância desses canais de comunicação. Esse é também o papel dos artistas e da criação artística: procurar criar momentos e modelos de excelência que iluminem e motivem outros a querer progredir na abertura das suas "portas e janelas".

Embora dedicada aos mais pequeninos, a

criação artística para a infância pode ajudar também a libertar a imaginação e a nutrir a nascente dos afetos de cada cuidador – criando momentos especiais na rotina habitual das instituições, proporcionando momentos de (re)descoberta na vida das famílias. De facto, quando um pequeno grupo de pais e seus filhos, ou de profissionais e crianças a seu cuidado, se reúne para olhar e escutar uma determinada criação artística (que se deseja esteticamente sustentada numa determinada ética), pode acontecer que esse grupo desfrute quer do prazer estético quer do prazer da partilha da parentalidade e do cuidar em conjunto. Pode acontecer que esse grupo se encontre em companhia festiva e num patamar de comunicação tal que se transforma numa verdadeira comunidade. E, muito frequentemente, acontece que algumas das experiências vividas passam a ser integradas no quotidiano, enriquecendo as modalidades de interação estabelecidas com as crianças.

Peça a Peça Itinerante (PaPI) surge, em suma, como uma resposta possível a necessidades de vinculação psicológica e social. Que, na verdade, não são só dos bebés.

### Como?

O desenvolvimento de experiências como estas resulta de processos de reflexão, de observação e da exploração de ideias fundamentadas na teoria e na experimentação prática. Ou seja, uma base de trabalho sustentada em modelos de investigação-ação. Assim, embora concebido de raiz com o objetivo de vir a gerar peças músico-teatrais que possam ser levadas a creches e jardins de infância, o conjunto de experiências artísticas de Peça a Peça parte da vasta experiência da Companhia de Música Teatral em produções músico-teatrais destinadas aos mais pequenos e sustenta-se num quadro referencial eclético, inspirado em autores como Gordon, Schaffer, Paynter, Gehlhaar, Rogers, Trevarthen, Papoušek, Stern.

Para tal, um grupo de jovens artistas e edu-

cadores com uma formação heterogénea (música, dança, teatro e artes plásticas) participou em várias ações do projeto – nomeadamente as residências artísticas – que tiveram como objetivo nutrir a sua preparação artística e pedagógica, inovar recursos musicais e educativos e elaborar um conjunto de quadros músico-teatrais centrados nos diferentes intervenientes do grupo. Este percurso de formação incluiu a colaboração de vários convidados/formadores e o recurso a variadas estratégias de aprendizagem prática e "imersiva", diferenciadamente adaptadas às potencialidades individuais de cada um dos artistas/educadores participantes.

### Para quem?

Para bebés e crianças acompanhadas por cuidadores adultos (profissionais, pais ou outros familiares).

### Onde?

Em creches e jardins de infância. Mas também em teatros, salas de concerto ou outros espaços com atividades culturais, como ludotecas ou bibliotecas.

### Quando?

As peças do Peça a Peça ocorrem em horários que facilitam o envolvimento dos pais e dos profissionais da creche e jardim de infância. Tipicamente, ao princípio da manhã, quando os pais levam os filhos à creche ou ao jardim de infância, ou ao final do dia, quando os vão buscar. Mas podem também ser agendadas para momentos de convívio familiar durante o fim de semana.

### Quanto?

As peças do Peça a Peça têm uma duração aproximada de 30 minutos. São apresentadas por um ou dois intérpretes. Os ambientes cénicos, portáteis, requerem um tempo de preparação mínimo. Tendo em conta a realidade sócio-económica e o objetivo de fazer que estas experiências estejam ao al-



cance de todos, as peças do Peça a Peça obedecem a requisitos de produção muito diferentes dos que normalmente orientam outros espetáculos. São, pois, concebidas de forma a responder ao desafio de fazer chegar às creches experiências artísticas originais e de qualidade, mas desde que planeadas numa série de apresentações consecutivas, em rede com vários parceiros, de forma a poderem circular seguindo princípios de autossustentabilidade.

#### Por quem?

Estas peças portáteis para a infância são apresentadas por um conjunto de artistas/educadores versáteis, interessados em desenvolver a sua ação artística (baseada em música, dança, teatro e artes plásticas) a partir do “brincar” com o bebé num contacto humano de grande genuinidade.

Uma das peças desenvolvidas no Peça a Peça tem a particularidade de incluir crianças mais velhas. Esta peça pressupõe a realização de um ou mais *workshops* com crianças mais crescidas (6 a 12 anos de idade), previamente à apresentação da peça. Esta espécie de

bando, constituído por um adulto e um grupo de crianças mais velhas, desloca-se depois à creche ou ao jardim de infância. A ideia é, por um lado, criar situações de interação mediadas por outras crianças (e, portanto, em zonas mais próximas do desenvolvimento psicológico dos mais pequeninos) que facilitem a comunicação e, por outro lado, criar desafios de imaginação criativa aos mais crescidos, dando-lhes a possibilidade de se enriquecerem artisticamente. Ou seja, as ideias subjacentes são, por um lado, proporcionar trocas intergeracionais e aprendizagens entre pares e, por outro, criar nas crianças mais velhas a ideia de “cuidarem” dos mais pequeninos.

#### Para quê?

Não obstante ser inequívoca a importância das primeiras relações humanas e das primeiras aprendizagens, o acesso a experiências artísticas significativas na primeira infância não é ainda suficientemente alargado. Assim, para além do contacto regular e informal com as artes na creche e no jardim de infância ou em casa, através dos educadores e dos pais,

é desejável que as crianças pequenas tenham oportunidade de fruir experiências artísticas de qualidade, concebidas de raiz com a preocupação de permitir uma aproximação à música, ao movimento, ao teatro e às artes plásticas.

Peça a Peça Itinerante, do Projeto Opus Tutti, procura sempre deixar “peças” com as quais cada profissional, pai, mãe ou outro cuidador possa continuar a brincar e a crescer artisticamente no dia a dia. Para que a educação possa ser mais rica e melhor.

#### A Companhia de Música Teatral

A Companhia de Música Teatral explora a música como ponto de partida para a interação entre várias técnicas e linguagens de comunicação artística dentro de uma estética que vai da “música cénica” ao “teatro musical”.

As origens da Companhia de Música Teatral radicam-se no cruzamento dos percursos artísticos e académicos de Paulo Maria Rodrigues e Helena Rodrigues: em 1994, Helena Rodrigues começava a introduzir em Portugal as ideias de Edwin Gordon sobre aprendizagem musical, influenciando a formação de vários profissionais interessados na área; simultaneamente, Paulo Maria Rodrigues, após a realização de estudos de doutoramento em Bioquímica e Genética Aplicada e uma pós-graduação em Ópera, desenvolvia em Londres projetos com crianças combinando música, teatro e dança. Após uma colaboração frutífera, de que resultaria a apresentação de *O Gato das Notas* na Expo 98, constituiu-se a cooperativa Companhia de Música Teatral. Desde então, a Companhia de Música Teatral tem desenvolvido um trabalho de articulação entre a investigação académica, a produção artística, a criação tecnológica, o envolvimento da comunidade e a divulgação de ideias sobre a importância da experiência musical, em especial nas idades mais precoces. Este trabalho concretiza-se sob formas muito diversas: espetáculos, *workshops*, projetos educativos, edições, etc. O trabalho da Companhia



de Música Teatral, desenvolvido para e com crianças, tem tido especial relevância, sendo internacionalmente reconhecido pela originalidade estética, pela solidez da fundamentação científica e também pela calorosa recepção do público em geral. A Companhia de Música Teatral tem contado com o apoio regular da DGArtes, é membro da RESEO e tem apresentado os seus trabalhos em Portugal, Espanha, Polónia, EUA, Canadá, Alemanha, Bélgica, Finlândia, França, Áustria, África do Sul, Dinamarca e Lituânia.

### O Laboratório de Música e Comunicação na Infância

O Laboratório de Música e Comunicação na Infância (LAMCI), do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL), caracteriza-se pela adoção de fórmulas de trabalho que conciliam a investigação, a formação, a criação artística e a intervenção na comunidade visando a construção de um ambiente "natural". Dotado de boas condições para a observação do comportamento musical em situações de comunicação e interação humana, este laboratório tem

em curso várias iniciativas que permitem o estudo da música em diferentes contextos sociais, com fins artísticos, terapêuticos e educativos.

### As peças do Peça a Peça Itinerante (PaPI)

#### Opus 1

Duo. Linguagem principal: música (violoncelo, voz) e dança.

*Opus 1* começa com a respiração da música e o pulsar dos corpos. Das mãos crescem pedras, pássaros, bichos estranhos, índios, cowboys, tempestades, furacões, barcos e gente que dança. O corpo cresce à medida da música, entre tangos, suites e canções, com Bach à espreita para poder entrar. Tudo coisas que acontecem frequentemente quando se brinca com violoncelos.

#### Opus 2

Duo. Linguagem principal: música (harpa, voz) e teatro.

Em *Opus 2*, convidam-se bebés e adultos a viajar numa máquina movida a música. Uma máquina capaz de voar, de navegar, de levar pequenos e crescidos a ouvir pássaros, peixes e até o som das estrelas. Com uma harpa à proa e com as vozes a remar,

#### Opus 5

Solo. Linguagem principal: teatro / dança.

*Opus 5* é uma sucessão de histórias improvisadas contadas com o corpo. Sobre a descoberta do que nos rodeia, a forma como aprendemos e como nos tornamos no que somos. *Opus 5* inspira-se no material vocal e de movimento resultante da interação direta com as crianças, podendo tomar formas diferentes conforme os diálogos estabelecidos no "momento presente".

#### Opus 6

Duo. Linguagem principal: música (percussão, voz, gamelão de brincar) e dança.

*Opus 6* leva-nos ao Mercado dos Sons – um lugar onde os viajantes vão à procura do que une as palavras, os tambores e os gamelões. Por entre dança e música, os mercadores fazem trocas de sílabas e fonemas e partilham com os mais pequeninos as suas mais recentes aquisições sonoras. No final, todos se encantam com o nascimento de novos espécimes musicais!

#### Opus 7

Solo. Linguagem principal: música (percussão, voz).

Em *Opus 7*, num jardim de flores sonívoras, as abelhas valsam, o vento murmura e a chuva canta. As estrelas brilham e cintilam em caixas de música; os pássaros passam e param sem pressa. Uma borboleta pousa e diz que esta é a melhor forma de aprender a voar. Um jardineiro floresce e ensina a sua arte a outros cuidadores de plantas.



I. Laboratório de Música e Comunicação na Infância, CESEM-Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa.

II. Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro.

III. Companhia de Música Teatral.

IV. Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Lisboa.